

Cidadãos Substituídos por Algoritmos



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor
Vice-reitor

Vahan Agopyan
Antonio Carlos Hernandes



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente

Carlos Roberto Ferreira Brandão

Presidente
Vice-presidente

COMISSÃO EDITORIAL

Rubens Ricupero
Valeria De Marco
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Ricardo Pinto da Rocha
Tânia Tomé Martins de Castro
Marta Maria Geraldtes Teixeira
Primavera Borelli
Sandra Reimão

Editora-assistente
Chefe Div. Editorial

Carla Fernanda Fontana
Cristiane Silvestrin

Cidadãos Substituídos por Algoritmos

NÉSTOR GARCÍA CANCLINI

Tradução de Diego A. Molina

Copyright © 2021 by Néstor García Canclini

Título do original em espanhol:

Ciudadanos Reemplazados por Algoritmos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Canclini, Néstor García

Cidadãos Substituídos por Algoritmos / Néstor García Canclini; tradução Diego A. Molina. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

Título original: *Ciudadanos Reemplazados por Algoritmos*.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5785-044-2

1. Algoritmos. 2. Antropologia cultural e social. 3. Cidadania. 4. Democracia. 5. Sistema político. 6. Sociologia. I. Título.

21-80027

CDD-301

Índice para catálogo sistemático:

1. Antropologia: Sociologia 301

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Direitos em língua portuguesa reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2021

Foi feito o depósito legal

*Acho difícil aprender do
Google como usar o Google.*
Carlo Ginzburg

*Quando dizemos que é a chave,
não podemos esquecer a fechadura.*
Jean-Luc Godard

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO: CIDADÃOS ATADOS	13
	Desglobalização	15
	O Rosto Cultural da Despolitização	20
	Autossabotagens	23
	Liberais Pasmos diante dos Efeitos do Neoliberalismo	25
	Ainda Votamos	27
	Reinventar as Conexões	30
II.	ELES OS VEEM PASSAR PELA ESTRADA	35
	À Beira da Estrada	37
	Cidadãos que não Contam com o Estado	44
	A Submissão Consentida	47
III.	DOS CIDADÃOS MIDIÁTICOS AOS MONITORADOS	53
	Videopolítica: Inclui, Exclui ou Acalma?	56
	O que Temos em Comum?	62
	Governar ou Controlar os Danos?	67
IV.	JOVENS: CONSUMIDORES, DELINQUENTES, ATORES ALTERNATIVOS	71
	Por que a Desigualdade se Agrava para os Jovens?	76
	Expectativas Políticas dos que Vivem pelos Projetos	80
	O <i>Hacking</i> como Militância	90
V.	NO QUE ESTÃO PENSANDO OS ALGORITMOS?	97
	Sociedades Clandestinas da Era Digital	102
	O Determinismo Biotecnológico	104
	A Inteligência Artificial Vista do Sul	113
	Para Além da Monopolização dos Dados	123
VI.	REBELIÕES DOS ESPIONADOS	125
	Lugares de Estouro	127

	Movimentos que se Tornam Partidos, ou os Enfrentam	132
	Tomar o Poder ou Distribuí-lo?	140
	A Cidadania Vai se Redefinindo	142
VII.	DAS INSTITUIÇÕES AOS APLICATIVOS	147
	A Política Reaparece como Debate sobre o Sentido	150
	A Hegemonia Redistribuída	157
	Que Floresçam Mil Vales do Silício?	160
	Como se Informam os Cidadãos	169
	Aplicativos × Instituições	172
VIII.	EPÍLOGO: EMANCIPAR-SE SOB A HIPERVIGILÂNCIA	177
	O que Podemos Conhecer?	179
	O que Devemos Fazer?	183
	O que nos é Permitido Esperar?	187
	O que São os Humanos?	191
	Agradecimentos	197
	Bibliografia	201

I. INTRODUÇÃO:

Cidadãos Atados

Há um lugar onde houve direitos e agora há perplexidade: o dos cidadãos no capitalismo global e eletrônico.

Quem se importa com os cidadãos? Muitos partidos e sindicatos parece que estão reduzidos a cúpulas nas quais se distribuem regalias. A partir da expansão da vídeo-política, a televisão canaliza queixas e críticas sociais aos governantes tratando os cidadãos como espectadores. As redes prometem horizontalidade e participação, mas costumam gerar movimentos de alta intensidade e curta duração.

Nossas opiniões e comportamentos, capturados por algoritmos, ficam subordinados às corporações globalizadas. O espaço público se torna opaco e distante. A descidadanização se radicaliza, enquanto alguns setores se reinventam e ganham batalhas parciais: pelos Direitos Humanos, pela igualdade de gênero, contra a destruição ecológica. Mas os usos neoliberais das tecnologias mantêm e aumentam as desigualdades crônicas do capitalismo. Quais alternativas temos diante dessa desapropriação? Dissidências, *hacking*? Qual é o lugar do voto, essa relação entre Estado e sociedade reprogramada pelas tecnologias e pelo mercado, cujo valor é questionado pelos movimentos sociais independentes?

DESGLOBALIZAÇÃO

No fim, a única coisa que parece ter se globalizado é a sensação de que quase todos perdemos. Em poucos anos, a ordem de abrir as fronteiras e o fascínio de se conectar com o distante se converteram em desejos de desglobalização. Os ingleses votaram a favor de deixar a União Europeia. Outras fraturas dividem essa união regional: entre o leste e o oeste, entre o norte e sul pelo Euro, assim como diversas maneiras de lidar com a estagnação e a agitação social.

Não importam as evidências científicas, bastante óbvias, de que o aquecimento global é produzido por todos e que só a cooperação solidária poderia atenuá-lo: Estados Unidos, China e outros dos principais contaminadores se isolam e são reeleitos.

A globalização foi perdendo prestígio ao ser responsabilizada pela devastação de empregos e benefícios sociais, principalmente para os jovens; pela queda massiva no poder de compra dos salários; pela anulação de direitos e garantias dos cidadãos; pela multiplicação das *fake news* e invasões à vida íntima. Caravanas gigantescas de famílias de migrantes, fotos de navios lotados ou naufragados: monumentos performáticos, como os muros, aos perdedores da mundialização.

Ao mesmo tempo, as tecnologias digitais, associadas à globalização socioeconômica e cultural, suscitam certeza daquilo que ganhamos: mais informação e entretenimento diversificado, espaços para debater e participar, acesso a bens, mensagens e serviços não disponíveis na própria nação. Em um continente em que tantos países têm entre 10% e 25% de sua população no estrangeiro (Equador, Honduras, México, Uruguai e Venezuela), os transplantados aproveitam a possibilidade de se comunicar pela internet com familiares e amigos distantes, comendo molhos picantes, *arepas* ou ceviche, com essa experiência quase de cidadão que acontece ao consumir coisas próprias com compatriotas no estrangeiro.

Sem as redes sociais, seriam possíveis movimentos como o MeToo e Ni una menos, as colaborações em pesquisas científicas e experiências artísticas a distância, on-line? As rebeliões contra os danos gerados pela globalização e a tendência de muitos países a abandoná-la parecem ser contrapostas pela lista de novos tratados de livre comércio: no dia 28 de junho de 2019, a União Europeia assinou um acordo para reduzir as tarifas com as nações-membros do Mercosul, ainda pendente de aprovação dos parlamentos envolvidos. No dia 30 de maio desse mesmo ano, 55 países africanos iniciaram tratado de livre comércio que facilitará o comércio de bens e serviços para 1,2 milhão de pessoas do continente. Em 2018, várias economias do Pacífico formaram o Acordo de Associação Transpacífico (TPP) – Austrália, Chile, Japão, México, Peru, Singapura e Vietnã –, um bloco comercial

impulsionado inicialmente pelo presidente Barack Obama como um plano para enfrentar a expansão chinesa, do qual Donald Trump decidiu sair. Alguns analistas indicam que, mesmo quando governos como o norte-americano e o inglês se isolam, a globalização não se detém, e se perguntam se está começando uma nova era de globalização sem os Estados Unidos¹.

Na verdade, o que esses novos acordos mostram são integrações regionais, e não globais. Muitos outros dados revelam que as guerras comerciais e a competição se incrementam, e que a perseguição a imigrantes e a transgressão de Direitos Humanos prevalecem nas relações internacionais. A problemática história dos convênios comerciais assinados nos últimos vinte ou trinta anos impõe outras perguntas: “o que trazem aqueles e estes novos acordos para os cidadãos, os consumidores e os usuários? Mais empregos e melhores salários, ou mais precariedade, cidades vazias, migrações que dividem famílias e tiram direitos? Mais muros, naufrágios e circulação hipervigiada ou proibida entre as sociedades? Milhares e milhares de crianças separadas de suas famílias nas fronteiras, enormes campos de refugiados, xenofobia, perda de direitos básicos como moradia, saneamento e educação? Redução de fundos para controlar a mudança climática e a pesquisa científica, promoção da exploração devastadora do solo, descaso com a proteção da biodiversidade, por exemplo, da floresta amazônica e dos bosques andinos de nossa América?

Há dimensões compartilhadas e diferenças nos modos como a América Latina participa dessa reconfiguração mundial. Percebe-se isso nos fracassos dos organismos que impulsionavam até há poucos anos a integração regional e que deram passos para criar uma cidadania compartilhada (Alba, Unasur, Mercosul). A Aliança do Pacífico, formada pelo Chile, a Colômbia, o Peru e o México, está limitada pela instabilidade política dos três últimos países e pelas dificuldades de reorientar a economia e o comércio do bloco em relação à Ásia. Ao mesmo tempo, os organismos mais antigos (Alalc, OEA, OEI, Segib) se mostram incapazes de

1. Andrés Oppenheimer, “La Globalización sin Estados Unidos”, p. 14, 8 jul. 2019.

contribuir com uma gestão não regressiva dos intercâmbios econômicos, sustentar a afirmação democrática que tivemos ao longo da virada de século, dar conta das caravanas empurradas pelo desemprego, a precariedade e os governos falidos.

Os avanços conseguidos no final do século XX e na primeira década do XXI para construir um Espaço Cultural Latino-americano se manifestaram em programas regionais de coprodução e circuitos de intercâmbio na escala ibero-americana (Iber-mídia, Iber-cena, Iber-música, Iber-museus), porém a severa redução de financiamento por parte da Espanha desde 2008 e a contração das economias latino-americanas reduziram seu desenvolvimento. Não se concretizaram projetos para montar uma TV pública ibero-americana, nem acordos fiscais duradouros entre governos para facilitar o desenvolvimento endógeno e a distribuição de conteúdo na região. Foram criados circuitos e plataformas de integração como Retina Latina e Pantalla Caci, mas o processo de convergência digital multimídia foi deixado quase que inteiramente em mãos de megaempresas, sem aproveitar as oportunidades para horizontalizar a comunicação, estender a distribuição dos bens culturais e propiciar a participação cidadã nas decisões públicas². As parcerias ficam pelo caminho. Os poucos governantes que sustentam aquilo que podem da integração e das interações democráticas sequer entram em acordo sobre como se desglobalizar.

Dos países do norte, Gayatri Spivak, uma crítica dessas regressões, escreveu que “a globalização só acontece no capital ou nos dados”³. Talvez ainda não fossem tão claros os efeitos sociais erosivos da queda dos bancos em 2008, nem que os governos resgatariam os especuladores financeiros, e não os trabalhadores que não puderam pagar hipotecas de moradia, nem programas de saúde ou desenvolvimento cultural. A perturbação gerada pelas

2. Antonio Canelas Rubim e Rubens Bayardo (coords.), *Políticas Culturales en Iberoamérica*, 2008; Néstor García Canclini, “El Futuro de la Cooperación”, 2018; Manuel Antonio Garretón (coord.), *El Espacio Cultural Latinoamericano*, 2003.
3. Gayatri Spivak, *Una Educación Estética en la Era de la Globalización*, 2017, p. 17. A primeira edição da obra, em inglês, é de 2013.

aventuras do capital na subsistência cotidiana de consumidores e cidadãos foi e é paralela à manipulação algorítmica dos dados.

Spivak escreveu aquela frase quando ainda não tinham nos arrebatado o prazer de sermos internautas hiperinformados. Agora os benefícios da conectividade global e veloz vêm fatalmente junto com a infiltração nas telas pessoais daqueles que comercializam nosso uso das redes: não é agradável ter de atravessar todo dia o matagal do *spam*, a publicidade indesejada e as notícias suspeitas que tornam indiscernível a realidade. As dificuldades de agir na desordem do mundo vêm junto com as dificuldades de conhecê-lo e nos comunicarmos. Os que dirigem os bancos de dinheiro e os bancos de dados buscam evitar que outros entrem em seus jogos ou tentem gerar confusão com informação falsa. Eles conseguem? E, se conseguirem, de que lhes serve? Teremos que nos ocupar destas perguntas: como se relaciona a interdependência global, as suas promessas de nos manter comunicados e crescer, com a abstração dos bancos de dinheiro e de dados que tornam inapreensível para os cidadãos o sentido daquilo que fazemos?

Terminei de escrever o livro em julho de 2019. No final desse ano – muitos indicam o mês de agosto ou datas anteriores – a covid irrompeu em Wuhan. Logo, viajantes levaram o vírus ao norte da Itália, ao resto da Europa, Ásia e até aos países latino-americanos. As dúvidas sobre a origem e como se proteger acompanham a disseminação globalizada. Por um lado, isso confirma tristemente que a globalização rege as condições em que diversas economias se desenvolvem e caem, as comunicações aceleram as nossas interconexões com informação duvidosa, carregada de interesses políticos e culturais que as deturpam, deixando os cidadãos indefesos e confusos, sem que os organismos internacionais (da OMS à ONU) e até os regionais sejam capazes de criar regras eficazes para sobreviver e conviver. Ao mesmo tempo, multiplicam-se os recuos nas nações ou em direção ao local: a deglobalização.

Duas propostas de tradução, ao alemão e ao português, levaram-me a adicionar análises que atualizassem este texto para incluir as mudanças detonadas pela pandemia. Pautamos, de início, que não adicionaria um capítulo. Optei por inserir parágrafos que remetessem alguns temas aos dados e reflexões que a catástrofe de 2020 vem

trazendo: estes dois parágrafos serão os únicos em itálico. Não quero diferenciá-los do que já disse na primeira edição porque esta nova etapa continua e agrava as crises da ingovernabilidade, os processos de descidadanização, o peso crescente dos algoritmos na organização e decomposição social, a hipervigilância e outras tendências indicadas neste livro e em outros que o precederam. Dado que falta muito por saber se haverá pós-pandemia e como ela modificará nosso cotidiano pessoal, nacional e global, apenas podemos esboçar perguntas sobre a reorientação das sociedades e dos indivíduos que traz agora a governamentalidade algorítmica. Como achar respostas duradouras se a cada mês parece que falamos de uma globalização diferente? Em março de 2020 era surpreendente a mundialização quase homogênea em metrópoles intransitáveis (México, Beijing, Nova Delhi), com ruas vazias e, em vez de carros engarrafados, vacas, ursos ou elefantes. Em abril e maio se acumularam as recomendações de “ficar em casa”, mas esse consenso internacional, estrito e em muitos países voluntário, em outros desprezado por presidentes como Bolsonaro e Trump, mudou a partir de junho, com a reabertura de lugares de produção e entretenimento para “reativar a economia”, pela urgência de trabalhar (ainda mais para aqueles que sobrevivem nas ruas por meio do comércio informal) e pela ansiedade de desenclausurar-se. As globalizações mais constantes foram as das corporações eletrônicas, sobretudo o Grande Desconfinador, Zoom Video Communications, que em dezembro de 2019 tinha 10 milhões de usuários por dia e no primeiro trimestre de 2020 aumentou para 300 milhões. O confinamento parcial e o predomínio da comunicação virtual sobre a presencial acentuam as restrições para a participação cidadã organizada que este livro analisa.

O ROSTO CULTURAL DA DESPOLITIZAÇÃO

O título deste livro não sugere que a cidadania esteja sendo devorada pelas mutações tecnológicas, nem que devemos descuidar das causas políticas do desapego à democracia: corrupção generalizada dos partidos, elitismo das cúpulas, crise das vias clássicas de construção de consenso e representação. A variedade de motivos que se confabulam pode ser apreciada nas pesquisas latino-

LANÇAMENTO 2021

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

